

GABRIELA LLANSOL:

diZpersos¹

Tanto em Marguerite Duras como em Clarice Lispector, um livro me serviu, por assim dizer, de bússola, para não me perder no labirinto das respetivas obras: o *Arrebatamento de Lol V. Stein*, no caso de Duras; *A Paixão Segundo G.H.*, em Clarice. Pois bem: *E agora?* A pergunta veio de um colega que tinha assistido às minhas leituras precedentes e gostaria de saber qual o livro de Gabriela Llansol que eu aconselhava ou iria trabalhar mais aprofundadamente.

Hesitei na resposta. Não só porque estava ainda em processo de leitura e descoberta desta autora singular, como, talvez, por uma razão maior: não saber, perante uma obra tão visceralmente dispersa e fragmentária, se haveria lugar para falar de um livro, fosse ele qual fosse, ou antes de uma escrita em vertigem, isto é, em permanente «linha de fuga», segundo a expressão deleuziana de que a própria autora se serve², algo que já não fosse livro, conto, romance ou diário, mas antes um vórtice³, o remoinho da mão que escreve como se a língua tivesse sido desatada.⁴

Hesitei, por isso, ainda que, a bem dizer, tivesse em mente pelo menos um livro. Um livro com nome próprio de livro: *O Livro das Comunidades*.⁵ Foi este, aliás, o meu primeiro encontro, inesperado, com o diverso desta obra, ou seja, o que escapa ou se furta nela. E, desde logo, este nome: *comunidades*. De que falava a autora, afinal, quando falava de comunidades?

Estávamos no princípio de junho, quase a celebrar o dia de Camões e das Comunidades Portuguesas e, como tal, a minha primeira associação parecia inevitável. Até porque eu sabia que a autora, Maria Gabriela Llansol, vivera exilada na Bélgica, entre 1965 e 1984, sendo aí que o *Livro das Comunidades* fora concebido. Ainda assim, não pude evitar uma certa perplexidade, como se a aparente evidência do título pudesse mentir. Para mais quando é a própria autora a dizer que nunca encontrava bons títulos, se bem que considerasse *O Livro das Comunidades* como um título definitivo.⁶

Ao abrir o livro, porém, tive a sensação de que ele era afinal semelhante a uma qualquer outra narrativa cujo fio pudéssemos desenrolar fácil e compreensivelmente, tal como se pode constatar pela frase inicial: «Nesse lugar havia uma mulher que não queria ter filhos do seu ventre.»⁷ Alguém, portanto, cujo desejo se afirmava na disjunção entre a mulher e a mãe. Nada de estranho, até aqui, mesmo se uma tal disjunção não era, à época, tão evidente como hoje. Ainda que para a autora, ao invés, ela parecesse evidente desde muito cedo: «Ainda bem que escapei a um vincada particularização do meu sexo; sou eu menos filhos e o olhar de um marido que me pese com as minhas obrigações de mulher. E, no entanto, a mulher existe, mas é mais ampla do que se esperava.»⁸

¹ Texto extraído de *Epifanias: Seminário de psicanálise dedicado a três escritoras, Marguerite Duras, Clarice Lispector e Maria Gabriela Llansol, 2016-2017*. Clube Militar Naval, Lisboa.

² Cf. LLANSOL, M.G., *Lisboaleipzig 1 – O Encontro Inesperado do Diverso*. Lisboa: Edições Rolim, 1994, p. 20: «Importava não perder as linhas de fuga de toda a perspectiva».

³ LLANSOL, M. G., *Um Falcão no Punho*. Lisboa: Edições Rolim, 1985, p. 40.

⁴ LLANSOL, M.G., *Um Arco Singular – Livro das Horas II*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, p. 135.

⁵ LLANSOL, M.G., *O Livro das Comunidades*. Lisboa: Relógio D'Água, 1999.

⁶ LLANSOL, M.G., *Um Arco Singular*, op. cit., p. 158.

⁷ LLANSOL, M.G., *Ibidem*, p. 11.

⁸ LLANSOL, M.G., *Um Arco Singular*, op. cit., p. 151.

O estranho, contudo, vem depois e entra em cena por meio desta frase: «tinha uma maneira distante de fazer amor: pelos olhos e pelas palavras.»⁹ Não só esta mulher não quis ter filhos do seu ventre como, além disso, tinha uma íntima e persistente relação com os olhos (o ver) e com a palavra (lida e escrita). Para ela, fazer amor, como diria Lacan, era literalmente poesia.¹⁰ Poesia ao pé da letra. Ou, melhor dizendo, à letra. Um amor único e exclusivo a essa matéria por meio da qual a escrita se faz, isto é, se escreve escrevendo.¹¹ E assim a autora pôde dizer claramente: «Não sou uma mulher mãe, sou uma mulher escritora, um ser humano que sobreviveu por graça da escrita, e o seu exercício falta-me terrivelmente.»¹²

A escrita é assim, para a autora, uma verdadeira «paixão».¹³ Ela busca, em permanência, uma escrita viva que possa – e nós com ela – tomar por um encontro.¹⁴ Um encontro, para começar, da letra e do corpo, pois a letra não serve antes de mais para organizar a normalidade da escrita, mas para que o corpo se dê a uma nova gesta de movimentos.¹⁵ Por meio da letra, a palavra é uma escrita do corpo.¹⁶ Mais do que um entrançado de significantes, o texto de Llansol é antes, como ela tão bem diz, inventando para isso um neologismo, um «corp’a’screver».¹⁷ E se restassem dúvidas acerca da imbricação ou engaste pulsional da letra no corpo, aqui ficaria o testemunho da autora: «Vinda do liceu, ou já em férias, só me restavam forças para, na imobilidade, ler, acrescentando-lhes o gozo ilícito do meu próprio corpo. Sob o signo da falta, eu gozava e lia e, agitando-me, sem violência, nesta contradição fundava a escrita.»¹⁸

Voltemos, porém, ao *Livro das Comunidades*. Se a princípio, como dissemos, o fio da narrativa parece linear, muito rapidamente ele descamba e resvala, fugindo para todos os lados, tanto no que respeita ao conteúdo quanto à forma, e até mesmo em relação ao arranjo gráfico do texto, ou seja, ao modo como ele é disposto ou arrumado na página. Em vez da unidade sugerida na palavra «livro» ou do fio narrativo das primeiras frases, o que temos sobretudo, como escreverá mais tarde Llansol, é um verdadeiro «encontro inesperado do diverso», o que passa por cortes na narrativa, risos, frases inacabadas, confusão de vozes ou mudanças no tipo de discurso, por exemplo.¹⁹ Uma verdadeira música atonal, se me permitem a comparação.

É por isso que não há, a meu ver, como entrar neste livro, e diria mesmo em toda a obra da autora, a não ser perdendo-se, isto é, abandonando categorias ou ideias já feitas para deixar-se surpreender pelo que ela tem a oferecer-nos de inédito. Mais do que buscar um sentido no texto, pois ele suspende o sentido à espera de dizer exato,²⁰ importa acolher o «fulgor da palavra» que cintila nele.²¹ «Escrevi – diz a autora – para segurar nas minhas mãos inábeis o que fulgurou (...) e não morreu.»²² É, portanto, «o fulgor do texto», e não o sentido do mesmo, o que importa acolher.²³

⁹ LLANSOL, M.G., *O Livro das Comunidades*, op. cit., p. 11.

¹⁰ Cf. LACAN, J., *Le Séminaire*, Livre XX, *Encore*. Paris: Éditions du Seuil, 1999, p. 93.

¹¹ LLANSOL, M.G., *Uma Data em Cada Mão – Livro das Horas I*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009, p. 156.

¹² LLANSOL, M.G., op. cit., p. 198.

¹³ Cf. LLANSOL, M.G., *Um Facão no Punho*, op. cit., p. 150.

¹⁴ LLANSOL, M.G., *O Livro das Comunidades*, op. cit., p. 61

¹⁵ LLANSOL, M.G., op. cit., p. 81-82.

¹⁶ Cf. LLANSOL, *Uma Data em Cada Mão*, op. cit., p. 28.

¹⁷ LLANSOL, M.G., *Inquérito às Quatro Confidências*. Lisboa: Relógio D'Água, 1996, p. 49.

¹⁸ LLANSOL, M.G., *Um Falcão no Punho*, op. cit., p. 8.

¹⁹ Cf. LLANSOL, M.G., *A Restante Vida*. Lisboa: Relógio D'Água, 2001, p. 108: «Pela primeira vez, o encontro inesperado do diverso resultava, colocando-me, finalmente, no início de qualquer coisa.»

²⁰ Cf. LLANSOL, M.G., *Inquérito às Quatro Confidências*, op. cit., p. 75.

²¹ LLANSOL, M.G., *Um Beijo Dado Mais Tarde*. Lisboa: Relógio D'Água, Porto Editora, 2016, p. 31.

²² LLANSOL, M. G., *Inquérito às Quatro Confidências*, op. cit., p. 160.

²³ Cf. LLANSOL, M.G., *Ibidem*, p. 51.

Há, contudo, um paradoxo nesta obra: por um lado, temos a sensação de estar sempre a ler o mesmo livro, um livro único. Não necessariamente *O Livro das Comunidades*, embora este seja de algum modo primacial e constitua a matriz dos restantes. Como diz a autora, ele «não é um livro como os outros, é um livro-fonte».²⁴

Porém, talvez a verdadeira fonte inesgotável de onde jorra o impulso da escrita de Llansol seja um livro único, sim, mas sempre por vir, ou que «vem do futuro», como diz algures João Barrento.²⁵ Um livro que, mesmo se dialoga, de forma recorrente, com certas «figuras» do passado (Müntzer, São João da Cruz, Nietzsche, entre outros) procura recuperar o impulso ou a potência de futuro que havia nelas e que, por uma razão ou outra, não chegou a perfazer-se. Tal como uma seta congelada ou suspensa no seu movimento em direção ao alvo ou uma carta que não chega ao destino e continua à espera de ser reclamada, *en souffrance*, como dizia Lacan.²⁶ São textos, como escreve a autora, que não estão no passado autobiográfico, mas no futuro autobiográfico.²⁷ Como se o tempo, em vez de areia que escorre da ampulheta, fosse a dobra, o nó onde o futuro se ata ao que, do passado, não chegou a ser ou, melhor ainda, a realizar-se, isto é, a ser real. E não é verdade, como diz Llansol, que quando se escreve o que importa é saber o real em que se entra?²⁸

Ao mesmo tempo, porém, e daí o paradoxo, a sensação é outra: a de que não há livro algum, ou que a própria ideia de livro é unicamente a suposição ou a exigência (mental) de uma unidade onde há apenas dispersão, isto é, vozes múltiplas, reunião de contradições, acontecimentos inverosímeis.²⁹ Um prisma de múltiplas facetas.³⁰ E não será aqui, precisamente, no ponto de dispersão, como diz Llansol, que está o novo lugar do texto e do mundo?³¹

Em vez um livro único (e sabemos as guerras de cariz religioso que houve e continua a haver em nome do «Livro»), o que temos, então, são peças soltas, rebotalhos, fragmentos, ou seja, o que resta do Livro que não chegou a existir ou, no limite, que não pode existir, pois, como diz Lacan no Seminário XX, tudo o que se escreve parte de um impossível de escrever.³²

Ler Gabriela Llansol é, assim, de uma ponta à outra, a experiência do «não-todo».³³ Não tanto no sentido de uma falta, de uma aspiração ao todo, à maneira por exemplo de Novalis – se bem que por vezes, aqui ou acolá, pareça haver em Llansol uma tal nostalgia –, mas antes como a explícita recusa de qualquer totalização e, mais ainda, de todo e qualquer totalitarismo. Eles são, nessa medida, textos felizes, uma vez que os textos felizes, no dizer da autora, são aqueles que não oferecem resistência ao divergir.³⁴

É difícil, por isso, ou mesmo contraproducente, estabelecer classificações nesta obra, arrumá-la em géneros, ordená-la hierarquicamente, distinguir entre o principal e o acessório, pois, num certo sentido, tudo nela é principal e acessório, seja o conto, o romance, o diário, o simples fragmento ou, até, a frase solta, quando é o caso. Como se cada texto, mais do que sujeitar-se a uma ordem hierárquica previamente estabelecida, confluísse numa corrente viva de escrita eternamente em devir e metamorfose. É a estas partes ligadas, mas sempre em deslocação, que

²⁴ LLANSOL; M.G., *Finita*. Lisboa: Edições Rolim, 1987, p. 181.

²⁵ BARRENTO, J., O Futuro é uma origem – o texto que vem do futuro. Disponível em: <http://espacollansol.blogspot.pt/2014/12/o-futuro-e-uma-origem-conferencia-sobre.html>

²⁶ Cf. LACAN, J., *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 45.

²⁷ Cf. LLANSOL, M.G., *Um Beijo Dado Mais Tarde*, op. cit., p. 31.

²⁸ Cf. LLANSOL, *Um Falcão no Punho*, op.cit., p. 57.

²⁹ Cf. LLANSOL, M.G., *Uma Data em Cada Mão*, op. cit., p. 186.

³⁰ LLANSOL, M.G., , op. cit., p. 144.

³¹ Cf. LLANSOL, M.G., *Finita*, op. cit., p. 39.

³² LACAN, J., *Le Séminaire, Livre XX, Encore*. Paris: Éditions du seuil, 1999, p. 47.

³³ Retomo aqui o termo que Lacan emprega no seminário XX a propósito do gozo «feminino».

³⁴ Cf. LLANSOL, M.G., *O Livro das Comunidades*, op. cit., p. 118.

Llansol chama a escrita.³⁵ Ligadas, diga-se, por um fio dinâmico, o «fio do entresser»,³⁶ como escreve Llansol, pois um texto é, na verdade, não tanto o viajante, mas o próprio «lugar que viaja».³⁷ Tal como a vida, assim a escrita. Uma «escrita móvel».³⁸

Mais do que a obra, é então a «cena fulgor», como escreve a autora,³⁹ o fragmento vibrante, a epifania⁴⁰ que constituem o cerne desta escrita em devir e pulsação. Uma escrita feita da acumulação de vibrações, da paciente recolha de pequenas e amplas pegadas cintilantes deixadas pelo tempo.⁴¹ São elas que acendem o rastilho do texto e o fazem esplender numa «escala crescente de fulgor».⁴² Até que ele seja, integralmente, figura e fulgor.⁴³ O fulgor do texto.

Por isso, a própria ideia de literatura – tal como já acontecia, de resto, em *Duras* ou *Lispector* – é contestada: mais do que a literatura, é a escrita movente que causa e atrai. Uma escrita em que a linha e a agulha parecem constituir o verdadeiro instrumento de trabalho. Como se a escrita fosse sobretudo um modo de costurar.⁴⁴ Ou de bordar.⁴⁵ Quer dizer: de ligar entre si diversos fios, mas também de abordar, de fazer borda com o corpo. É esta ligação profunda e íntima da escrita com o corpo que Maria Gabriela Llansol não deixou nunca de acentuar, de praticar, de experienciar. Pois escrever, como ela dizia, está no centro do corpo.⁴⁶

Mas esta obra é não só uma verdadeira experiência corporal de escrita, mas também, torcendo moebianamente a frase para o dizer de forma justa, a escrita como experiência. «Eu não fui talhada para escrever livros, diz a autora, mas para dar a entender por escrito o que foi uma experiência.»⁴⁷ Experiência de quê? Da dispersão: do corpo, mas também do mundo. De todo o esforço ou tentativa humana de unificar o diverso, o que resta são fragmentos. Pedacos. Peças soltas. O que parece mostrar, no fim de contas, como dizia Lacan em 1966, numa conferência em Baltimore, que «a ideia de unidade unificante da condição humana é uma escandalosa mentira».⁴⁸ E é pelo esforço contínuo de estar à altura e bem dizer uma tal dispersão que os textos de Gabriela Llansol mereceriam bem que inventássemos para eles um neologismo: *dizpersos*.

Tal como a vida não tem finalmente um centro em parte nenhuma – o contrário da esfera, com o centro em toda a parte –, também esta obra é fundamentalmente descentrada ou, melhor ainda, ex-centrada nela mesma. O que podemos esperar, enquanto seus leitores, não é encontrar nela uma qualquer unidade mentirosa – que a «impostura da língua» nos promete⁴⁹ – mas acolher a

³⁵ Cf. LLANSOL, M.G., *Finita*, op. cit., p. 72.

³⁶ Cf. LLANSOL, M.G., *Finita*, op. cit., p. 107.

³⁷ Cf. LLANSOL, M.G., *Um Falcão no Punho*, op. cit., p. 144.

³⁸ Cf. LLANSOL, M.G., *Lisboaleipzig*, op. cit., p. 30.

³⁹ Cf. LLANSOL, M.G., *Um Beijo Dado Mais Tarde*, op. cit., p. 90: «Foi quando lhe disse – “Vem comigo. Corre ao leito, a extrair as cenas fulgor». Ver igualmente *Um Falcão no Punho*, op. cit., p. 140: «o meu texto não avança por desenvolvimentos temáticos (...) mas segue o fio que liga as diferentes cenas fulgor».

⁴⁰ Cf. LLANSOL, M.G., *Finita*, op. cit., p. 68.

⁴¹ Cf. LLANSOL, M.G., *Uma Data em Cada Mão*, op. cit., p. 203.

⁴² Cf. LLANSOL, M. G., *Inquérito às Quatro Confidências*, op. cit., p. 31.

⁴³ Cf. LLANSOL, M.G., *Lisboaleipzig*, op. cit., p. 59.

⁴⁴ Cf. LLANSOL, M.G., *Uma Data em Cada Mão*, op. cit., 219.

⁴⁵ Cf. LLANSOL, M.G., *O Livro das Comunidades*, op. cit., p. 58.

⁴⁶ Cf. LLANSOL, M.G., *Lisboaleipzig*, op. cit., p. 11.

⁴⁷ LLANSOL, M.G., *Finita*, op. cit., p. 101.

⁴⁸ Cf. LACAN, J., «De la structure comme immixtion d’une altérité préalable à un sujet quelconque», conférence à Baltimore, 1966, in *La Cause du désir*, nº 94, Navarin Éditeur, novembro 2016, p. 11.

⁴⁹ Cf. LLANSOL, M.G., *Um Beijo dado mais tarde*, op. cit., p. 22.

irredutível diversidade que aí fulgura. Uma diversidade que expressa bem, ao nível do texto, a própria dispersão do mundo.

Pois bem: se o mundo se dispersou, apesar dos mercados comuns, das redes sociais ou movimento imparável da globalização, o que pode, não obstante, fazer *comunidade*, ou seja, laço, mantendo ligado o que é em si mesmo fundamentalmente disperso? Haverá ainda lugar, apesar de tudo, para uma «coabitação serena do disperso»?⁵⁰

Se enxugarmos o «excesso de água», para usar uma expressão da própria Lansol⁵¹, que inunda e faz transbordar a sua corrente de escrita, talvez a grande e porventura única, ou pelo menos recorrente, questão seja esta: que *comunidade* é ainda possível? Ou, como diria Lacan, o que faz com que os humanos permaneçam juntos (tiennent ensemble), mesmo na falta de um «instinto» natural?⁵²

Eis por que *O Livro das Comunidades* é mais do que um livro, um livro entre outros, ou uma complexa dispersão de textos com nome de livro. Talvez ele seja a matriz onde se inscrevem já as coordenadas que vão ditar o movimento da escrita em torno um ponto que o devora, um «ponto-voraz»⁵³, isto é, de uma questão que atravessa toda a obra de Lansol como um ponto de fuga em permanente devir e insistência: o que pode ainda, hoje, fazer *comunidade*?

Por *comunidade* não devemos entender apenas as comunidades *migrantes*, cada vez mais na ordem do dia, embora a própria escritora se pudesse aí incluir, uma vez que passou cerca de vinte anos na Bélgica. Comunidades são também as religiosas ou místicas, de beguinos ou beguinas, por exemplo, que povoam toda a obra de Llançol, e onde nomes como Hadewijch D'Anvers, uma mística beguina, ou São João da Cruz, ambos referidos por Lacan no seminário XX, quando pretende dizer que a mística não é apenas assunto de cama (mal resolvido) ou tudo o que não é política, mas algo de sério –, são presenças recorrentes.⁵⁴

Mas *comunidade* é também a que não chegou a existir a não ser como projeto ou utopia: a dos fracassados, dos vencidos, dos que falharam ao tentar (como Müntzer, por exemplo, um nome que assombra os textos de Llançol de uma ponta à outra) e que tinham no seu ato, inglório ou fracassado, não obstante, uma potencialidade de «futuro» que está ainda por cumprir-se. De certa maneira, os textos de Llançol podem ser lidos igualmente como um esforço para recuperar a «energia» messiânica que há nestes restos ou cacos da história. Ou encontrar o «nú central» para que eles apontavam.⁵⁵ Como se procurasse, dos «estilhaços» do passado que refulgem agora, no presente, parafraseando Walter Benjamin, fazer causa ou impulso.⁵⁶

Na verdade, o que não chegou a ser tende a retornar. O futuro é a potência do «entresser», isto é, do que esteve para ser, do que poderia ter sido, mas não chegou a ser em ato. Por isso retorna. Eternamente. Enlaçando presente e passado. Num «eterno retorno do mútuo», como escreve a autora.⁵⁷ Até que faça ato. Ou *comunidade*: uma outra forma de ler a palavra «mútuo». Ou nó. Pois não se trata, na verdade, a partir dos cacos, isto é, do que resta de quebrado, dos fios soltos ou dispersos, fazer um nó possível, melhor ainda, um «espaço-nó», como escreve Llançol?⁵⁸

⁵⁰ Cf. LLANSOL; M.G., *Inquérito às Quatro Confidências*, op. cit., p. 154.

⁵¹ Cf. LLANSOL, M.G., *Inquérito às Quatro Confidências*, op. cit., p. 128.

⁵² LACAN, J., «Conférence de Louvain», *La Cause du désir*, 96. Paris: Éditions Navarin, 2017, p. 10.

⁵³ Cf. LLANSOL, M.G., *A Restante Vida*, op. cit., p. 40.

⁵⁴ Cf. LACAN, J., *Encore*, op. cit., p. 97-98.

⁵⁵ Cf. LLANSOL, M.G., *Lisboaleipzig*, op. cit., p. 89.

⁵⁶ Cf. BENJAMIN, W., «Teses sobre a filosofia da história», *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*. Lisboa: Relógio D'Água, 1992, p. 169.

⁵⁷ LLANSOL, M.G., *Lisboaleipzig*, op. cit., p. 130.

⁵⁸ LLANSOL, M.G., *Ibidem*, p. 143

E o que dizer, fazendo um pequeno desvio, de outras comunidades, como a europeia, que desde há alguns anos, por entre avanços e recuos, vem, como diria o poeta, fazendo-se um caminho ao caminhar? Pois «nós suspeitamos que não há mais Norte, nem alguém que no-lo diga, e pôr-se a caminho é o único caminho.»⁵⁹ Ou, esticando um pouco mais o fio da corda, a comunidade dos escritores, se é que tal coisa existe. Ou as diversas comunidades analíticas, um pouco por todo o mundo, também elas cada vez mais dispersas em inúmeros grupos, escolas ou orientações. Ou as «comunidades do Livro», que não cessaram jamais, até hoje, de guerrear-se.⁶⁰ Ou, enfim, aquilo a que Llansol chamou, numa belíssima expressão, «comunidade de singularidades». Como conceber uma tal «comunidade de singularidades que não se deixasse regularizar»?⁶¹

Deixando deliberadamente em aberto tais questões, talvez o grande fio condutor da escrita de Llansol – e daí a sua extrema atualidade – passe por aqui: entre dispersão e nó. Ou seja: como se faz, se mantém, se inventa, se costura um nó, apesar da continuada e cada vez maior dispersão do mundo? Um nó que não seja mera «impostura da língua», isto é, assente nas velhas ficções, mas que permita uma eficácia real. Pois na era em que tudo se dispersa, o próprio nó já não se mantém graças aos velhos fios – pai, pátria ou família –, sendo preciso atá-los ou reatá-los de outro modo. Parafraçando Llansol, eles tornaram-se «nós voláteis».⁶² Sendo que podemos ler ou escutar isto como um problema – no sentido em que os velhos nós, os arranjos que funcionavam de modo aparentemente «sólido», se volatilizaram – ou parte da solução, uma vez que se tornaram mais soltos, maleáveis ou flexíveis.

Não é, afinal, cada texto, cada fragmento de texto, cada «cena-fulgor» que o ato da escrita faz resplandecer um «nó volátil» em torno de um «ponto-voraz», isto é, um real que lhe ex-siste, que o descompleta e impossibilita de fechar-se num todo? Não que esse real esteja fora do texto, que lhe seja exterior, mas é na letra mesma que ele se tece no «fio do entresser».⁶³ Ou seja: «Mesmo no meio do texto. No real onde ele é mais nó. Mais denso.»⁶⁴

É por isso que a escrita é um lugar de abertura e não de fechamento. Ela permite ler de outro modo, de um modo novo, o texto que a língua escreveu primordialmente no corpo. E que língua é esta? Não é a língua portuguesa ou francesa, por exemplo, embora Llansol tenha habitado cada uma delas, mas, como diz a autora, é a língua deste corpo, o que ela traz na memória.⁶⁵ Pois uma língua é, na verdade, «um pedaço de pele».⁶⁶

Entre a escrita e a leitura não há, assim, oposição, mas continuidade. Há um elo da escrita e da leitura.⁶⁷ O que levou inclusive a escritora a dizer, no *Livro das Comunidades*, que já não conseguia separar a leitura da escrita e que, se pudesse olhar o texto a produzir-se, voltaria de novo a ler.⁶⁸ Não será este, afinal, o desejo mais profundo do escritor: ser capaz de ler, através da escrita, o impossível instante em que uma língua começou a escrever, isto é, a produzir um texto inaugural no corpo do ser falante?

A língua escreve no corpo o que cada um de nós, à sua maneira, é convidado a ler através da fala ou da escrita. Mas há um impossível de ler e de escrever, um real que insiste, um «ponto-voraz». É daí que nasce o clarão, o fulgor da cena, ou as «cenas-fulgor» que alimentam

⁵⁹ Cf. LLANSOL, M.G., *Ibidem*, p. 93.

⁶⁰ Cf. LLANSOL, M.G., *Um Arco Singular*, op. cit., p. 258.

⁶¹ LLANSOL, M.G., *Uma Data em Cada Mão. Livro das Horas I*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009, p. 57-58.

⁶² LLANSOL, M.G., *Inquérito às Quatro Confidências*, op. cit., p. 85.

⁶³ Cf. LLANSOL, M.G., *Final*, op. cit., p. 107.

⁶⁴ Cf. LLANSOL, M.G., *Lisboaleipzig*, op. cit., p. 114.

⁶⁵ Cf. LLANSOL, M.G., *Uma Data em Cada Mão*, op. cit., p. 57.

⁶⁶ Cf. LLANSOL, M.G., *Ibidem*, p. 80.

⁶⁷ Cf. LLANSOL, *Um Beijo Dado Mais Tarde*, op. cit., p. 63.

⁶⁸ Cf. LLANSOL, *O Livro das Comunidades*, op. cit., p. 14.

incansavelmente os fios que atam e desatam em permanência o real da escrita. «O real é nó que se desata no ponto rigoroso em que uma cena fulgor se enrola e se levanta.»⁶⁹

Do texto inaugural que a língua escreveu no corpo, o que resta são, portanto, cenas, epifanias. Como diz Llansol: «nós somos epifanias do mistério (...) que nos nossos balbucios se desenrola.»⁷⁰ A lição, mais do que isso, o gesto que cada uma das escritoras, Llansol, Clarice ou Lipector, cada qual ao seu jeito, no modo singular de fazer com a letra, nos legou, foi não terem desistido, antes insistido, graças ao «dom poético» que lhes era próprio⁷¹, de ler e escrever no litoral desse mistério.

Sempre que alguém repete o gesto de ler ou escrever, à sua maneira, em torno do mistério real que habita o seu corpo de falante, não entra necessariamente numa espécie de «comunidade de singularidades», como era o anseio de Maria Gabriela Llansol?

⁶⁹ Cf. LLANSOL, M.G., *Lisboaleipzig*, op. cit., p. 118.

⁷⁰ Cf. LLANSOL, M.G., *Ibidem*, p. 85.

⁷¹ Cf. LLANSOL, M.G., *Ibidem*, 120.